

# Dados preliminares para a compreensão arqueostratigráfica do sítio de Currais 5 (S. Manços, Évora)

Susana Nunes  
Mónica Corga  
Miguel Almeida  
Lília Basílio  
Maria João Neves  
Gina Dias

.....  
Dryas Arqueologia . Av. Fernão de Magalhães, 153, 4º, sala 11 . 3000-176 COIMBRA

## Resumo

Realizada no âmbito da minimização de impacte patrimonial da execução do Bloco de Rega do Monte Novo, a intervenção preventiva em “Currais 5” (São Manços, Évora) visava avaliar o potencial arqueológico de um local onde havia sido identificada à superfície uma mancha de dispersão de materiais cerâmicos, então preliminarmente atribuídos ao período romano, atribuição reforçada pela presença próxima de outros vestígios da mesma época no sítio contíguo de Lajinha 3.

Estas sondagens permitiram confirmar a presença de vestígios arqueológicos em contexto estratigráfico em Currais 5, porém em (dois) níveis arqueológicos aparentemente distintos daquela ocupação de época romana: (1) um nível arqueológico em posição secundária, constituído de materiais cerâmicos exclusivamente pré-históricos associados a objectos líticos talhados, que testemunha da ocupação mais antiga do local, que terá ocorrido num patamar topográfico

próximo do limite superior da intervenção de sondagens; e (2) uma estrutura de combustão de planta subcircular cuja análise contextual e o estudo morfo-tecnológico do material cerâmico associado sugerem tratar-se de um forno relacionado com a produção cerâmica com paralelos arqueológicos regionais na Idade do Ferro.

Não obstante, o escasso valor de marcador cronológico dos caracteres morfo-tecnológicos desta estrutura e do material arqueológico associado e a semelhança morfológica com contextos romanos de outras regiões não permitem afastar por completo a possibilidade de correlacionamento com a presença romana em Lajinha 3.

### Dados do problema e objectivos da intervenção de Arqueologia preventiva

Localizado no lugar de Currais (S. Manços, Évora), em plena penepalanície alentejana, numa parcela dominada por uma pequena elevação sobranceira à ribeira epónima, o sítio arqueológico de *Currais 5* é abrangido pelo perímetro de afectação do Bloco de Rega do Monte Novo, cuja construção a Empresa de Desenvolvimento de Infra-estruturas de Alqueva (EDIA) promove no quadro do programa de aproveitamento dos recursos da Barragem de Alqueva.

Em consequência, o sítio foi identificado no decurso do estudo de impacto ambiental (EIA) daquele bloco de rega, cujos trabalhos de prospecção prévia de campo resultaram aqui na identificação de uma mancha relativamente vasta e contínua de materiais de superfície, que foi interpretada como resultante da remobilização dos níveis arqueológicos originais de dois sítios muito próximos, mas distintos, ambos de cronologia romana (EDIA, 2004) (**fig. 1**):

- “Lajinha 3” (sítio 155 daquele EIA), caracterizado como uma *uilla* romana; e
- “Currais 5” (sítio 160), onde então se identificava a presença provável de uma necrópole de época romana, associada à *uilla* de Lajinha 3 (EDIA, 2004).

A sensibilidade arqueológica do local e o risco evidente de impacto patrimonial significativo motivaram assim a realização de uma intervenção arqueológica preventiva de sondagens manuais orientada para a recolha de informações estratigráficas que pudessem completar os resultados dos trabalhos de superfície realizados em sede de EIA e caracterizar a natureza e potencial arqueológico do registo estratigráfico do sítio.

Não obstante, deve notar-se que, face à natureza específica (preventiva) da intervenção arqueológica a realizar, a área disponível para os trabalhos de Arqueologia se restringia naturalmente à zona de intercepção da mancha de materiais de superfície pelo traçado projectado para a condução de rega a instalar no local, que apenas afectava a área definida em EIA como necrópole, correspondente ao sítio de Currais 5 (cf. **fig. 1**).

### Condicionantes e estratégia dos trabalhos de Arqueologia

Foi no âmbito estrito destes limites que se desenrolou a intervenção arqueológica executada no local.

Ainda assim, os resultados do reconhecimento inicial que fizemos da zona de intervenção definida e sua área envolvente impuseram a necessidade de uma reapreciação da estratégia inicialmente prevista, uma vez que a mancha de dispersão de materiais de superfície que pudemos então observar era significativamente mais alargada do que aquela cartografada no EIA: na verdade, a quase totalidade da vertente exposta a Este sobre a margem direita da ribeira de Currais parecia dever integrar-se nesta mancha de superfície. Tal constatação indiciava claramente a existência de ocupações (coevas ou não) situadas no topo das duas elevações suaves que dominam esta vertente e que, por força de processos erosivos de origem natural e/ou antrópica, alimentariam a mancha de dispersão actualmente observada.

Mais, não obstante a percepção actual do local seja condicionada pela presença de uma via rodoviária (EN18) — elemento estruturante da paisagem que divide hoje esta encosta em duas áreas distintas —, a hipótese de trabalho mais consentânea com os dados observados *in loco* era a de que a estrutura desta paisagem à data da deposição dos vestígios arqueológicos identificados fosse significativamente distinta da actual: desde logo por se admitir que os dois sítios de cronologia romana assinalados pelo EIA de ambos os lados daquela estrada poderiam eventualmente integrar-se numa mesma ocupação; mas também porque a identificação de um caminho de desenvolvimento SSW-NNE claramente anterior à EN18 parecia testemunhar de uma organização mais antiga desta paisagem, bem distinta daquela que foi introduzida pela dita EN18.

Nestas condições, e ainda que estando a área disponível para a intervenção arqueológica limitada à zona a Este desta EN18 (Currais 5, sítio 160), a avaliação eficaz do potencial científico e patrimonial do sítio — que era objectivo fundamental da intervenção — exigia (sempre no respeito escrupuloso dos limites impostos pela natureza da intervenção) que a prevista concentração de esforços na área reduzida em que o traçado da futura condução interceptava a zona de dispersão de materiais cartografada no EIA fosse substituída por uma estratégia de dispersão das sondagens a realizar por um espaço mais alargado, multiplicando-se as pequenas áreas de sondagem (de 4 e de 2m<sup>2</sup>), ao longo de um corredor paralelo à EN18 e sensivelmente longitudinal à vertente que correspondia ao traçado da condução a instalar (cf. **fig. 1**).

Diferentes objectivos justificavam esta alteração estratégica:

- a definição da efectiva delimitação espacial do sítio através de sondagens que cobrissem a totalidade da área de dispersão de materiais arqueológicos de superfície que observámos no local;
- a produção de dados estratigráficos objectivos relevantes para a interpretação dos processos

de evolução da vertente de Currais 5, pelo menos desde a data da constituição dos níveis arqueológicos de que procede o material que actualmente recuperamos à superfície;

- a caracterização dos níveis arqueológicos eventualmente preservados no registo arqueográfico de Currais 5;
- a obtenção em contexto estratigráfico de séries arqueológicas (nomeadamente cerâmicas) capazes de sustentar uma caracterização morfo-tecnológica e atribuição crono-cultural fiáveis para o sítio; e, por consequência,
- a determinação do impacte patrimonial e científico da obra de instalação da conduta de rega neste local.

### Caracterização geral e conteúdo arqueológico da estratificação da vertente de Currais 5

Em resultado das diversas sondagens realizadas, podemos observar na totalidade da área abrangida pela intervenção a presença de um conjunto estratigráfico superficial — constituído pelas unidades estratigráficas UE1, UE2 e UE3 (**fig. 2**) — cujo conteúdo arqueológico (semelhante ao espólio recolhido à superfície) constitui uma série heterogénea de materiais, sobretudo cerâmicos, de diferentes cronologias no seio da qual uma classificação morfo-tecnológica permitiu isolar um conjunto cerâmico atribuível ao período romano.

Não obstante a sua evidente disparidade crono-cultural, os diferentes conjuntos de materiais cerâmicos que podem distinguir-se neste bloco estratigráfico remexido têm em comum índices elevados de rolamento das arestas e de degradação das superfícies, que indiciam uma história tafonómica complicada dos níveis arqueológicos de que procedem originalmente os vestígios que hoje aqui se encontram claramente em posição secundária.

Na fracção superior da vertente este conjunto estratigráfico remexido assenta directamente sobre o substrato granítico (cf. **fig. 2: corte A45sw**).

Pelo contrário, a cotas altimétricas mais baixas o conjunto estratigráfico remexido sobrepõe-se — por meio de uma evidente descontinuidade correspondente ao limite inferior das lavras — a uma unidade (UE4) (cf. **fig. 2**) que inclui material lítico e, em frequências significativas, cerâmico exclusivamente pré-histórico: o conjunto artefactual recolhido nesta unidade integra nomeadamente um fragmento de machado polido, um grupo escasso de objectos líticos talhados em quartzo e quartzito e outros utensílios líticos, para além de uma série cerâmica manual, lisa e decorada — apenas com aplicação de mamilos (**fig. 3, nº 1**) —, de formas simples, morfo-tecnologicamente muito homogénea e genericamente atribuível à Pré-história recente.

Não obstante esta homogeneidade morfo-tecnológica, os vestígios cerâmicos desta unidade apresentam uma variabilidade significativa do índice de preservação/rolamento, que relacio-

namos com o seu historial post-deposicional (cf. **fig. 3**). Com efeito, se a distribuição espacial e estratigráfica e o aspecto superficial dos fragmentos cerâmicos demonstram a posição secundária da totalidade dos objectos que integram esta série, aquela preservação diferencial de alguns fragmentos, associada à presença de remontagens entre estes fragmentos — recuperados na base deste depósito sedimentar (UE4), em concentrações circunscritas no interior de pequenas depressões no substrato geológico (**fig. 4**) — deve relacionar-se com um mecanismo de formação do depósito (e constituição do nível arqueológico) consubstanciado num processo longo de coluvionamento da vertente que terá ocorrido (pelo menos em parte) sobre o substrato granítico exposto à superfície. Em resultado deste coluvionamento prolongado, foram desmantelados (provavelmente por completo) os níveis arqueológicos originais relacionados com uma ocupação pré-histórica num ponto mais elevado da vertente. Subsequentemente, uma parte dos materiais arqueológicos assim remobilizados terá ficado retida nas ditas depressões do substrato (onde prosseguiria a sua fracturação, mas não o seu rolamento), enquanto a maior parte da série continuava a ser afectada pela dinâmica coluvionar da vertente, o que viria a determinar a situação de preservação diferencial e a presença de remontagens em espaços circunscritos a que aludimos *supra*.

### Estruturas arqueológicas e material arqueológico associado

Esta monotonia da “sequência” (porque na verdade se trata fundamentalmente de uma descontinuidade) estratigráfica da vertente de Currais 5 quase só é perturbada pela presença de um forno localizado na fracção inferior da vertente, de provável cronologia pré-romana, e do qual, por força da ablação recente provocada pelos trabalhos agrícolas, apenas nos chegou a parte inferior (cf. **fig. 2, corte estratigráfico A'73-74ne**).

Trata-se da base de uma estrutura de planta subcircular, escavada no solo, constituída de blocos de argila cozida e com abertura a Sudoeste através de um corredor de alimentação definido por blocos graníticos. Sensivelmente ao centro da estrutura encontra-se um pilar, oco, em argila cozida, de planta sub-rectangular (**fig. 5**). A ligação da estrutura ao pilar é garantida por um piso em argila que não se prolonga para a zona do corredor de alimentação.

O preenchimento da estrutura incluía numerosos carvões (cuja possibilidade de datação está em análise), fragmentos de blocos de argila cozida (queimada e rubefacta) e abundantes fragmentos de recipientes de cerâmica comum (que constituem um conjunto aparentemente homogéneo de cerâmicas de pastas compactas e colorações entre o laranja e o avermelhado, com superfícies alisadas ou polidas, mas que comporta um valor muito escasso de marcador cronológico — **fig. 6**), naquilo que seria provavelmente a câmara de combustão de um forno de cerâmica comum com uma coluna central de apoio a uma grelha de divisão e à cobertura da

câmara de cozedura (cujos vestígios, como se disse, não chegaram até nós). O material cerâmico recolhido no seu interior resultará da degradação *in loco* da estrutura após a sua utilização que, aliás, já exigiria o seu desmonte parcial para recuperação das peças cerâmicas cozidas.

### Interpretação do registo arqueográfico de Currais 5 e relação com a série arqueológica de superfície

Assim, o sítio arqueológico de Currais 5 apresenta hoje uma estratificação que testemunha da história de evolução da vertente, história directamente relacionada com o desmantelamento de (pelo menos uma parte) dos níveis arqueológicos originais das ocupações que aqui ocorreram.

A primeira destas ocupações de que restam vestígios no registo arqueológico do sítio ocorreu durante a Pré-história recente, num patamar topográfico próximo do limite superior da área disponível para a intervenção de sondagens arqueológicas que realizámos no sítio. Em consequência, desta ocupação pré-histórica, cujos níveis arqueológicos originais poderão já ter sido integralmente desmantelados, apenas parecem subsistir hoje vestígios arqueológicos em contexto secundário, resultantes da afectação daqueles níveis pelo progressivo coluvionamento da vertente.

Posteriormente, o registo arqueográfico de Currais 5 testemunha de uma ocupação subsequente do local representada por um forno cuja análise morfo-tecnológica e comparação com outros contextos arqueológicos regionais conhecidos sugere uma atribuição à Idade do Ferro, que os escassos elementos tipo-tecnológicos do material cerâmico associado também admitem. Com efeito, foram identificadas estruturas semelhantes no povoado de Espinhaço de Cão (Mataloto, 2004), na Herdade da Sapatoa (Mataloto, 2004), e no sítio de Malhada dos Gagos (Calado *et al.*, 1999), sempre em contextos atribuíveis a esse período. Para além destes sítios localizados no Alentejo, também são conhecidas estruturas comparáveis no sítio arqueológico da Rua dos Correeiros (Bugalhão, 2001) e em diversos locais do Sudoeste peninsular (Mataloto, 2004), mais uma vez, todos com ocupações sidéricas documentadas.

Por fim, ainda se regista a presença de vestígios de uma ocupação já de clara cronologia romana representada pela série arqueológica presente à superfície e no conjunto remexido. Pese embora não se tenha recuperado qualquer indício da presença do contexto funerário proposto no EIA, parece-nos claro que esta ocupação deve relacionar-se com o sítio arqueológico de Lajinha 3, localizado do outro lado da estrada nacional que hoje segmenta artificialmente um espaço que nos parece ter constituído uma unidade em época romana. Entre outras observações no terreno, a identificação de um caminho (de orientação Norte/Sul) que ligava o sítio de Lajinha 3 a um atravessamento a Norte da Ribeira dos Currais (cf. **fig. 1**) e que a cartografia publicada permite interpretar como testemunho de uma antiga via de comunicação

também corrobora esta hipótese.

De referir que, face à escassez de argumentos de valor crono-cultural específico rigoroso relativos quer à tipologia do forno identificado — para a qual alguns autores admitem uma pervivência longa já em época romana (cfr. Alarcão, 2004) —, quer mesmo aos caracteres morfotécnicos das cerâmicas que lhe estão associadas, a hipótese de correlacionamento dessa estrutura com esta ocupação romana não pode de momento ser afastada por completo. Porém, a comparação contextual com outros registos arqueológicos regionais (cfr. *supra*) não sustenta esta hipótese.

### Questões pendentes de uma intervenção arqueológica ainda em curso

Estas observações resultantes dos primeiros trabalhos efectuados em Currais 5 justificam a prossecução dos trabalhos neste sítio segundo uma estratégia de intervenção orientada para os objectivos principais de localização exacta e aferição cronológica das ocupações identificadas, durante a qual se deverá privilegiar:

- a procura de novos contextos arqueológicos relacionados com a estrutura de combustão;
- a recolha contextualizada de vestígios que permitam completar as séries arqueológicas já recuperadas com elementos capazes de fornecer informações relevantes para a caracterização crono-cultural e funcional desta estrutura; e
- a localização da ocupação pré-histórica original, com base na análise da vertente; para além de
- trabalhos de superfície orientados para a comparação dos vestígios dos sítios de Currais 5 e Lajinha 3 entre si e com aqueles identificados no interior da estrutura de combustão.

Naturalmente, sendo estes objectivos a prosseguir na medida em que os contornos específicos da futura intervenção (ainda num quadro de minimização arqueológica) admitam a realização dos trabalhos necessários para a solução destas questões.

### Bibliografia

- Alarcão, J. (2004). Introdução ao estudo da tecnologia romana. Coimbra: Cadernos de Arqueologia e Arte, 7. 200 págs.
- Bugalhão, J. (2001). A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo. Núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 15).
- Calado, M.; Barradas, M.; Mataloto, R. (1999). Povoamento Proto-Histórico no Alentejo Central. Revista de Guimarães. Volume especial I. Guimarães. 363-386.
- EDIA (2004). EIA. Bloco de Rega do Monte Novo. Beja. Dezembro de 2004. Policopiado.

Mataloto, R. (2004). Um “monte” da idade do ferro na Herdade da Sapatoa : ruralidade e povoamento no I milénio a.C. do Alentejo Central. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 37).

## Autores

Susana NUNES - susana.nunes@dryas-arqueologia.pt  
Mónica CORGA - monica.corga@dryas-arqueologia.pt  
Miguel ALMEIDA - miguel.almeida@dryas-arqueologia.pt  
Lília BASÍLIO - lilia.basilio@dryas-arqueologia.pt  
Maria João NEVES - mjoao.neves@dryas-arqueologia.pt  
Gina DIAS - gina.dias@dryas-arqueologia.pt

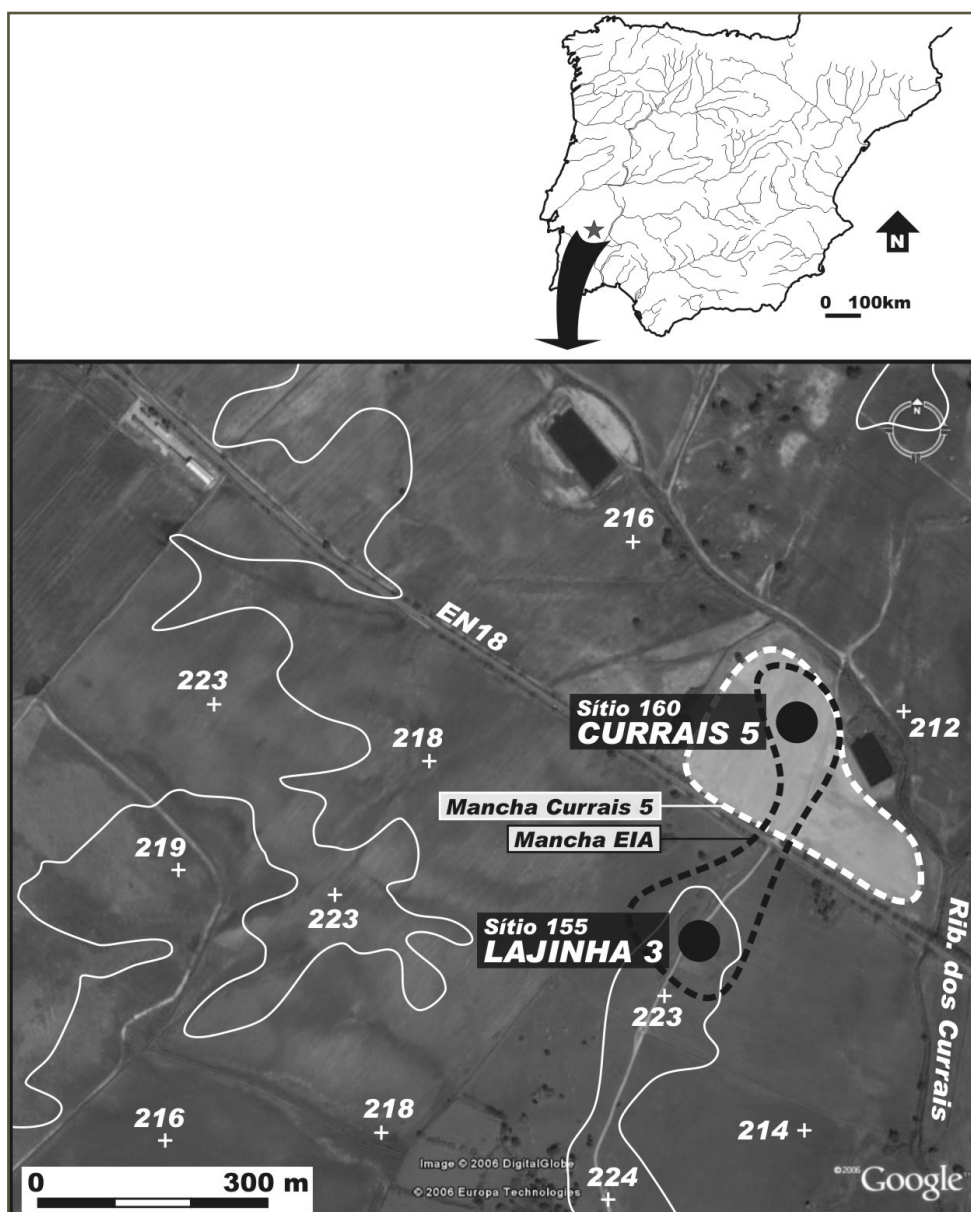


Fig. 01 – Localização geográfica dos sítios arqueológicos de Currais 5 e de Lajinha 3 e das respectivas manchas de dispersão de materiais arqueológicos de superfície identificadas durante o EIA e durante os trabalhos preliminares da intervenção de Currais 5 (ortofoto: © Google Earth, 2006).

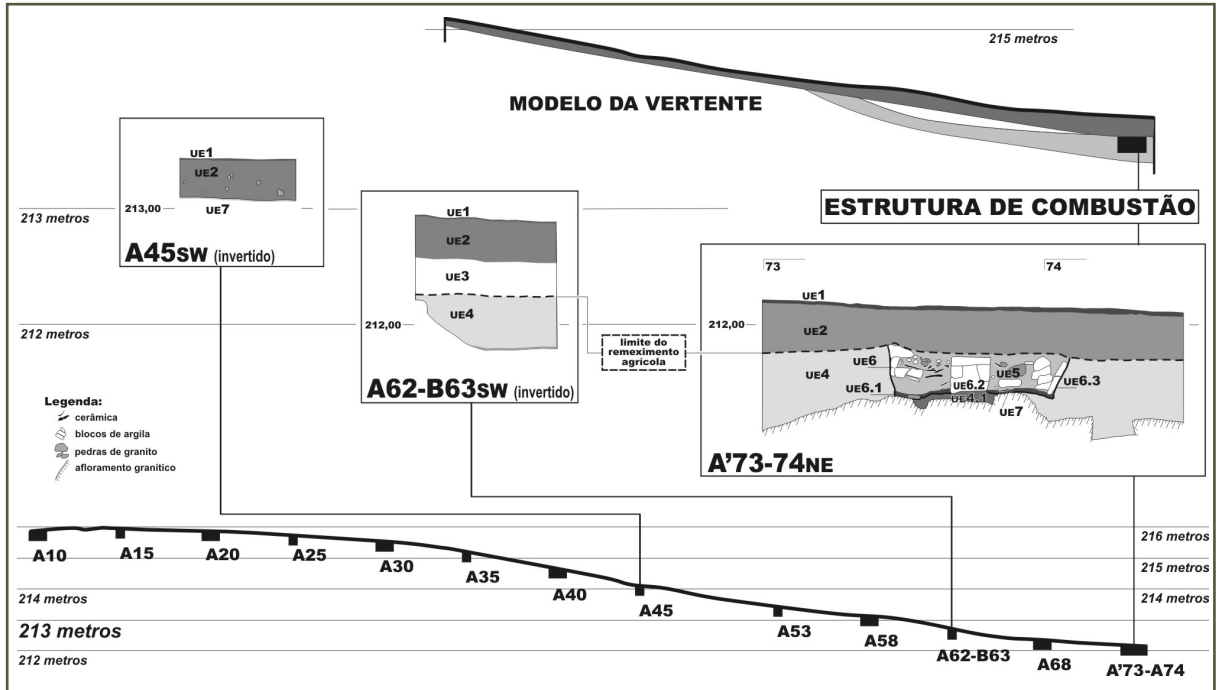


Fig. 02 – Cortes estratigráficos e modelo da estratificação da vertente de Currais 5.

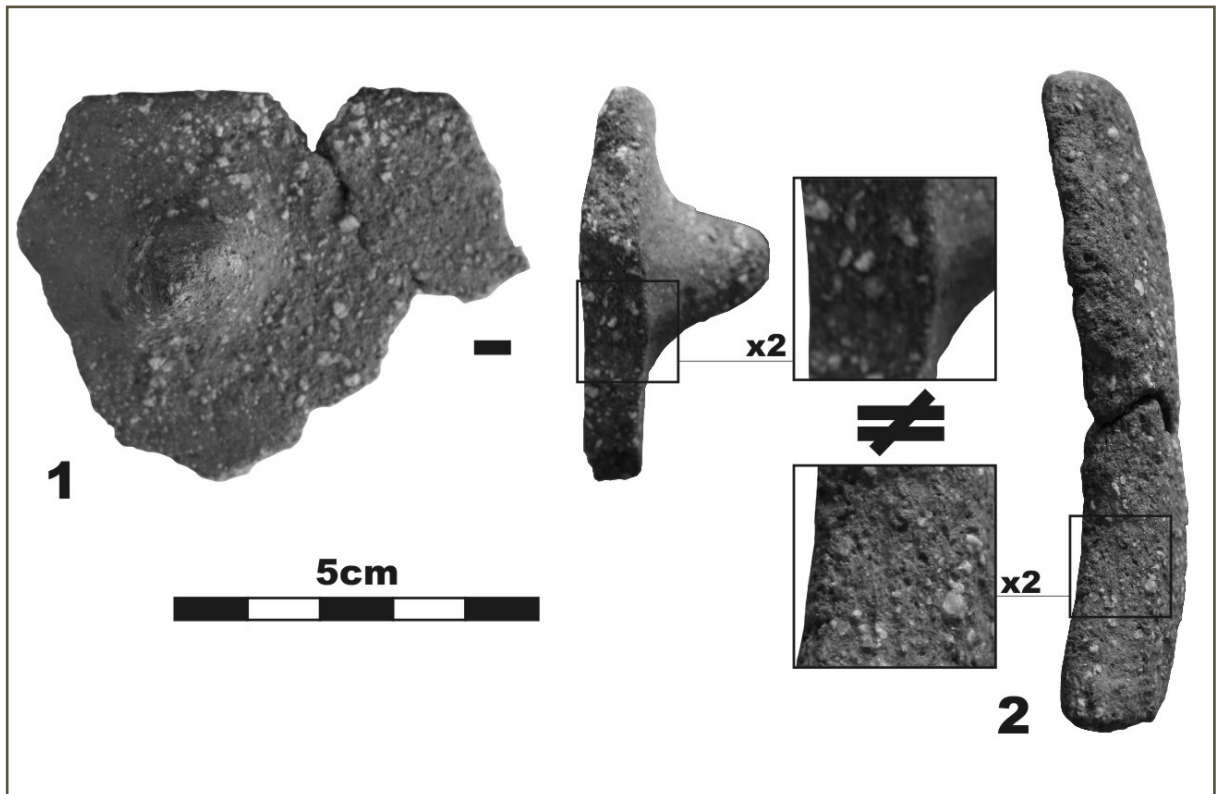


Fig. 03 – Detalhe da conservação diferencial dos vestígios cerâmicos pré-históricos.

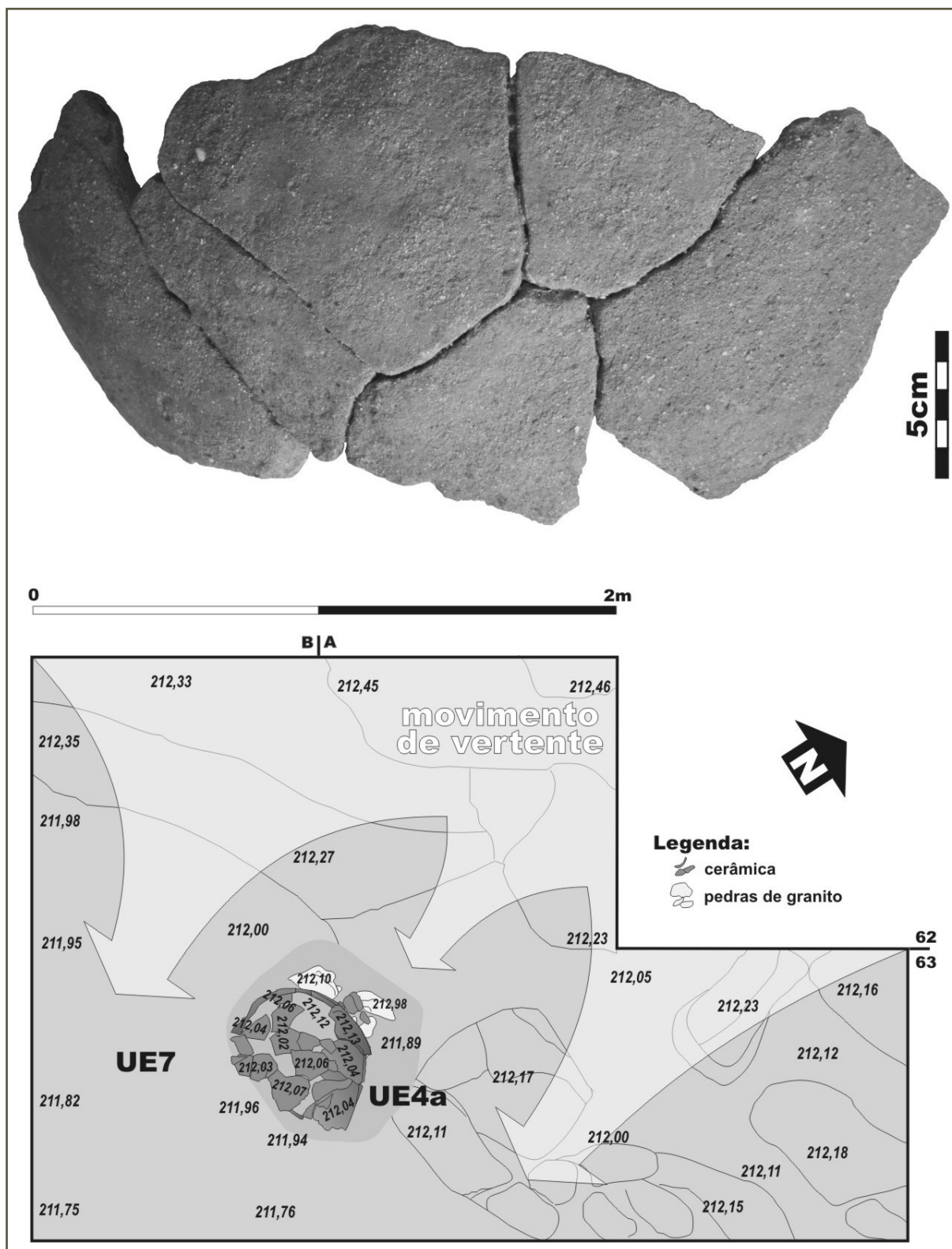


Fig. 04 – Remontagem e planta de distribuição (quadrados A62-B63) de diversos fragmentos do bojo de um vaso de grandes dimensões recuperados na unidade UE04a.

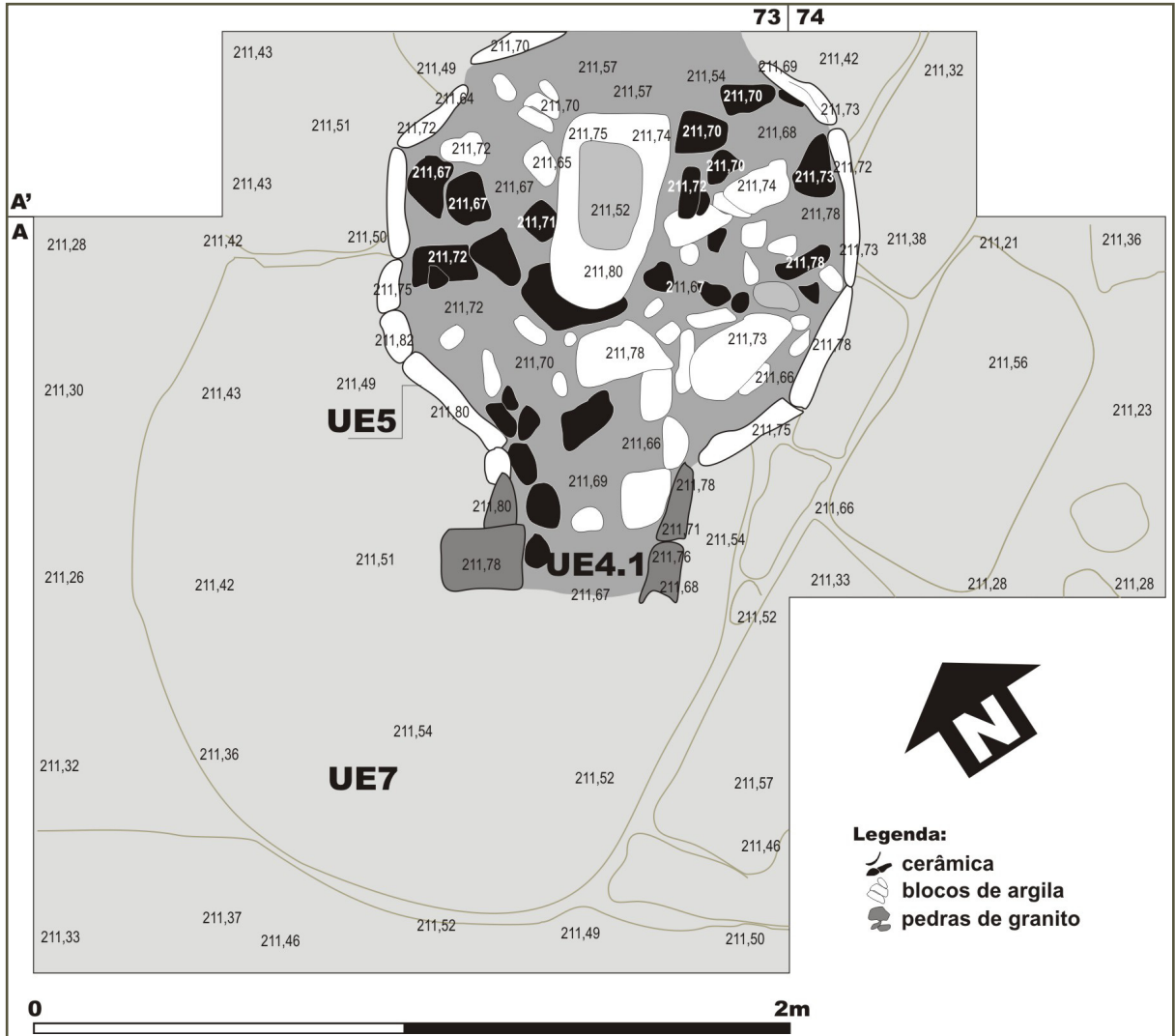


Fig. 05 – Planta e fotografia da estrutura de combustão (quadrados A73-B74).



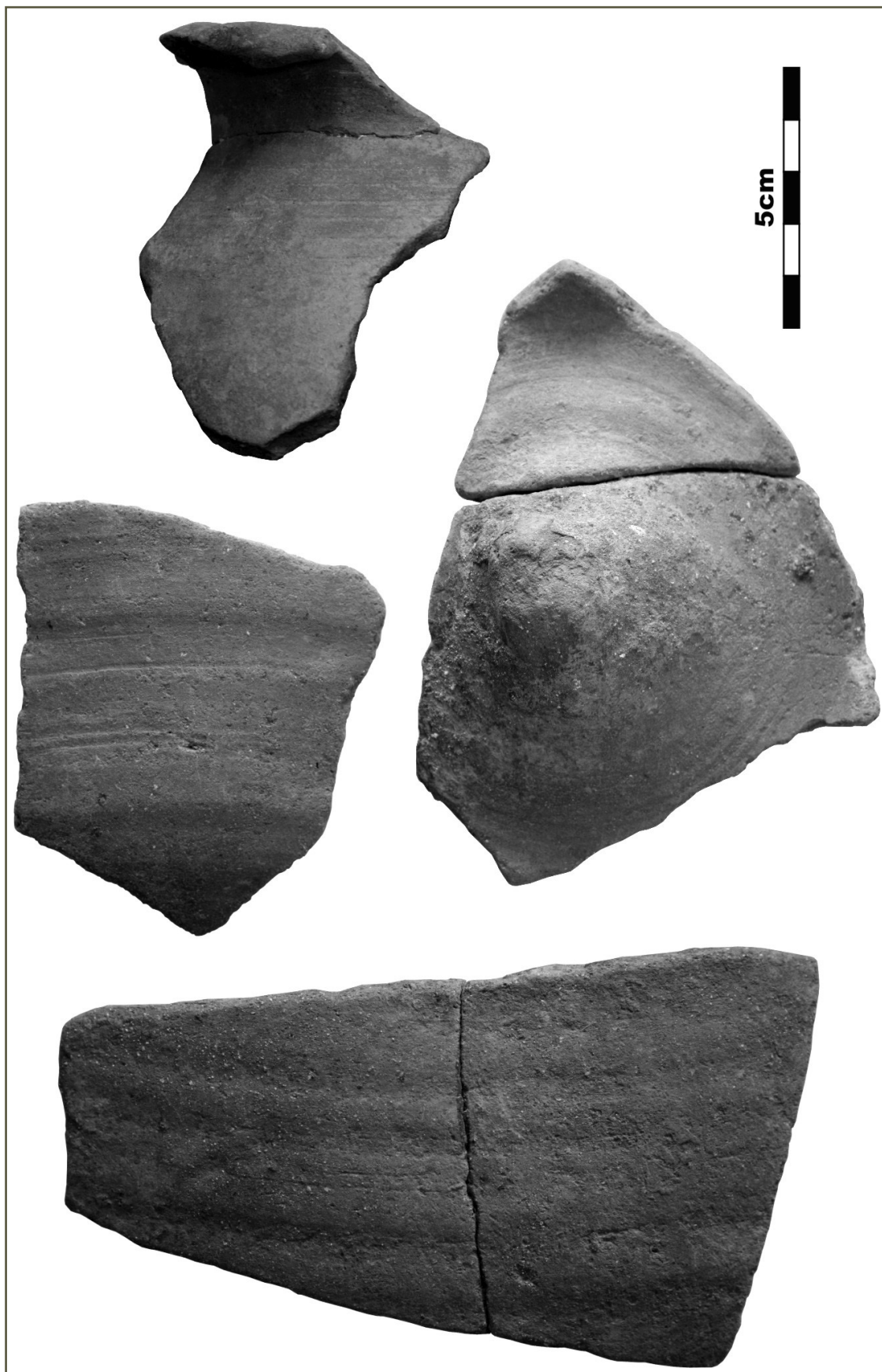


Fig. 06 – Conjunto cerâmico recolhido no interior da estrutura de combustão (UE05).